



AS NARRATIVAS DOS MORADORES DO QUILOMBO DO AMÉRICA NA AMAZÔNIA BRAGANTINA

THE NARRATIVES OF THE QUILOMBO OF AMERICAN DWELLERS IN BRAZANTINE AMAZON

Ketno Lucas Santiago¹
Francisco Pereira Smith Júnior²
Ana Paula Vieira e Souza³

Resumo: Essa pesquisa visa analisar as narrativas dos moradores, identificando os aspectos identitários e culturais do Quilombo do América, situado na Região Nordeste do Estado do Pará, na Amazônia Bragantina, na cidade de Bragança. O Objetivo é de identificar os traços identitários e culturais presentes nos discursos dos moradores do Quilombo do América. A Metodologia desenvolvida será de cunho historiográfico, trabalhando os conceitos apresentados e dialogando com os resultados da entrevista realizada com os moradores. Resultados preliminares indicam uma relação de pertencimento entre os moradores, em relação ao quilombo, apresentam também as relações de trabalho desenvolvidas e os traços culturais e religiosos presentes nas narrativas dos moradores do quilombo. Portanto, conclui-se identificando a necessidade de ampliar os estudos sobre a temática, porém dados iniciais apontam as características culturais e identitárias dos moradores do Quilombo do América/PA.

Palavras-chave: Narrativas, Identidade, Cultura, Quilombo.

Abstract: This research aims to analyze the narratives of the residents, identifying the identity and cultural aspects of Quilombo do América, located in the Northeastern Region of the State of Pará, in the Bragantina Amazon, in the city of Bragança. The objective is to identify the identity and cultural traits present in the speeches of the residents of Quilombo do América. The developed methodology will be historiographic, working the concepts presented and dialoguing with the results of the interview with the residents. Preliminary results indicate a relationship of belonging between the residents, in relation to the quilombo, also present the developed working relations and the cultural and religious traits present in the narratives of the quilombo residents. Therefore, we conclude by identifying the need to expand the studies on the subject, but initial data indicate

¹Acadêmico do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia – PPLSA/ Campus Bragança (UFPA). Especialista na Docência do Ensino Superior, Historiador. Filiado a ANPH – Brasil, Membro do GELCONPE (Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense) e do GEPT/Infância. E-mail: ketnolucas@gmail.com.

²Professor Doutor Adjunto III (UFPA). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA). Coordenador do Grupo de Estudos de Literatura Comparada do Nordeste Paraense – GELCONPE. E-mail: fsmith@ufpa.br.

³Professora Doutora em Educação (UFPA). Professora do Programa de Mestrado em Linguagem e Saberes da Amazônia, (PPLSA-UFPA). Coordenadora do GEPT/Infância. E-mail: paulladesa@ufpa.br



the cultural and identity characteristics of the residents of Quilombo do América / PA.

Keywords: *Narratives, Identity, Culture, Quilombo.*

Introdução

Este artigo visa analisar as narrativas dos moradores, identificando os aspectos identitários e culturais do Quilombo do América⁴, situado na Região Nordeste do Estado do Pará, na Amazônia Bragantina, na cidade de Bragança⁵. Inicialmente cabe refletir sobre o conceito e a estrutura narrativa nas falas dos moradores do quilombo, entendendo que a narrativa “pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa e móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (BARTHES, 2011, p.19).

As narrativas também é entendida enquanto resultado das experiências humanas, por exemplo, “quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo e imagina o narrador como alguém que vem de longe” (BENJAMIN, 1980, p. 23). O entendimento se transforma de acordo com a história que está sendo narrada, que liga as experiências do cotidiano à tradição e memória.

Desta forma, a pesquisa buscou objetivar a identificar quais os traços identitários e culturais presentes nas narrativas dos moradores do Quilombo do América. Ao analisar as narrativas dos moradores, buscou-se as suas memórias para identificar características identitárias, pois não existe uma construção identitária, sem levar em consideração a construção da memória do sujeito, uma vez que a memória define o nosso ser, nosso modo de pensar, nosso comportamento, entre outros aspectos. (CANDAU, 2012).

A construção da identidade a partir das memórias e narrativas dos moradores também revela os aspectos culturais desta população tradicional, pois possuem na sua formação aspectos que remetem a sua ancestralidade. Possuem uma cultura considerada como residual e emergente, pois “algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante

⁴Comunidade situada na região do campo da cidade de Bragança- Pa e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP) como quilombo.

⁵Resultados preliminares que compõem parte da pesquisa em andamento da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia/PPLSA.



são, todavia, vividos e praticados como resíduos”. (WILLIANS, 2011, p.56). Uma cultura residual e emergente que pode ou não ser incorporada pela cultura dominante.

Neste sentido para alcançar o objetivo proposto foi desenvolvida uma metodologia historiográfica, ao realizar um levantamento bibliográfico sobre os conceitos de narrativas, identidade, cultura e quilombo. Dialogando com os resultados da entrevista aplicada aos moradores. Após a aplicação da pesquisa foi feito a transcrição, a tabulação e o diálogo com a teoria. Apresentamos o resultado e as conclusões.

1. O QUILOMBO DO AMÉRICA NARRADA PELO MORADORES

Ao desenvolver a pesquisa foi possível aplicar um roteiro de entrevista para identificar os aspectos culturais e identitários. Bem como, visualizar o entendimento do morador em relação ao conceito de Quilombo. O Quilombo do América é um espaço territorial, cultural, lugar de resistência do negro no tempo da escravidão, ainda na contemporaneidade um local de luta e resistência para preservar da identidade negra. Nas narrativas dos moradores do quilombo é possível notar como os mesmos remetem ao passado para recordar sobre a fundação do Quilombo do América.

João Pinheiro. “Pelo que entendi tinha pouco casa aqui, umas 4 ou 5 casas e agora tá...mudou muito 30 e 40 anos, tudo era mato, mato, mato, grande e grosso e hoje está do jeito que tá...ninguém pode vender terreno aqui e só da família mesmo, eu posso dar um pedaço pra um genro fazer uma casa, e assim vai levando, é só a família mesmo, se tem gente diferente e que gente da comunidade aqui casa com gente de fora e vem morar aqui”.

O morador recorda de um passado recente, de sua memória de infância como era pequena a comunidade há 30 e 40 anos atrás. Também trata da ancestralidade familiar, muito presente nas falas dos moradores. “Lembranças manifestadas não se confundem com as lembranças tais como são conservadas (e cujo conteúdo resta incerto, inclusive para os primeiros interessados) e são apenas expressão parcial para outras tantas” (CANDAU, 2012, p. 16). Abordando a memória enquanto uma construção carregada de significações.

Lucirene. “A história para surgir o América, veio umas pessoas no barco, era um navio, e o barco quebrou parece, bateu na pedra né, chegado pra cá, o rio é mais raso né, aí quebrou para as bandas do Caeté, e lá ficou, aí veio essas pessoas pra cá, pra poder surgir a comunidade, eles vieram pra cá e o nome do homem era Américo”.



Severino. “A história que o povo conta desde pequeno...é que veio um navio carregado com escravos, fugindo do Maranhão parece, que ficou encalhado na praia de Ajuruteua, ai eles vieram entrado na mata, três desses escravos ficaram aqui na comunidade, o mais conhecido deles foi o senhor Américo Pinheiro”.

A formação e constituição do Quilombo do América tem origem com a chegada do senhor Américo Pinheiro de Brito, que de acordo com relatos chegou vindo de barco, fugindo do Maranhão, com o barco encalhado na praia de Ajuruteua e depois se estabelecendo na região bragantina, uma memória recorrente entre os moradores, a maioria dos entrevistados, em torno de 90%, oito de nove entrevistados apresentaram essa memória sobre a formação do Quilombo do América. Sobre memória coletiva, afirma Candau (2018, p.31), “aplica a um determinado grupo fossem capazes de compartilhar integralmente um número determinado de representações relativas ao passado”, de certa forma configura também enquanto uma memória publica uma comunidade do pensamento.

Katia. “Eu sempre tive essa curiosidade, mas eu não tinha entendido, ai eu perguntei pra minha mãe, parece veio um homem assim, ai eu perguntei para a minha avo, foi um cara que era um escravo que morou aqui, ele era um morenã, um negro e ele veio e ninguém sabe de onde morou aqui e por isso a vila tem o nome dele, que veio de fora, ela me falou tinha a curiosidade perguntava porque Américo?”.

De todas as falas dos moradores é possível perceber que a maioria entre nove entrevistados apenas 2 entrevistados discordam da constituição da comunidade enquanto quilombo e apenas um apresenta uma versão diferente sobre a constituição do quilombo que é fala de Antônio Pinheiro. Apresenta-se as memórias individuais, a consciência e identidade do pesquisado, como esses conceitos se relacionam, para o autor, “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAU, 2018, p. 60).

Antônio Pinheiro. “As primeiras famílias que moravam aqui era uma tia minha, chamada Tereza. Essa Tereza foi a fundadora da comunidade, ela fundou a comunidade”.

Neste sentido podemos afirmar que a origem do Quilombo do América nos discursos dos moradores tem relação com o naufrago ocorrido na praia de Ajuruteua, fruto da fuga de pessoas em condição de escravidão vindos do Maranhão, para se estabelecer na região bragantina. É possível entender que esse deslocamento é um processo migratório da população negra. As fontes históricas orais são fontes narrativas. Conforme



descreve PORTELLI (1997, p.29), “daí a análise dos materiais da história oral dever se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore”. No caso da história do Quilombo é importante notar a “velocidade”, com que uma história é narrado, sabendo que foram eventos que ocorreram durante um longo período.

Roseti. “O quilombo teve, quem foi o primeiro morador, que veio para cá, foi o Américo. Américo Pinheiro de Brito. Ele foi foragido do maranhão, veio naquele navio que tá lá na praia, o navio antigo, não aquele novato que tá lá agora, chegaram outros navios aí que estão encalhado na praia, mas não é esse, é o navio que está a muito tempo encalhado lá na praia e aonde teve a suga deles e eles vieram e ficaram alguns aqui e outros foram para Jurussacra”.

A formação da territorialidade do Quilombo do América tem relação com a tradição familiar, em que os espaços são doados entre membros de famílias, entre gerações. Dos mais velhos para os mais jovens. Ainda, os discursos dos moradores do Quilombo do América revelam a formação da Comunidade Tradicional pelas memórias de suas infâncias. Segundo Portelli (1997, p.30) afirma que “enquanto a percepção de um registro como “verdade” é relevante tanto para a lenda como para a experiência pessoal e para a memória histórica, não há gêneros de história oral”, são especificamente destinados a transmitirem informações históricas ao longo do tempo.

Portanto é possível afirmar que as narrativas dos moradores do Quilombo do América são um importante elemento definidor de sua identidade? resumindo perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjuga, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2012, p. 16).

Estabelecendo um diálogo entre pesquisadores, autores e moradores da comunidade remanescente de quilombo do América, ao analisar as falas dos moradores é possível notar o desenvolvimento do fenômeno da migração interna, presente no Quilombo do América, entendendo o fenômeno enquanto um processo de deslocamento interno de cidade para cidade. Neste sentido, no dizer de:

João Pinheiro. “Esse pessoal do Ceará, esses Cearenses que entraram aqui na região, para Bacuriteua, aqui logo próximo, veio para cá...Logo no começo trouxeram boa renda, muito serviço, se não fosse isso a gente estava passando mais dificuldade, o pessoal daqui a maior parte trabalha em Bragança e outro prai, pescando, no passado era só

roça, roça, roça, amanhecia o dia e você não me pegava em casa, você podei ir no meio do roçado, no meio da capoeira, que a gente estava traçado capinando. Até hoje a maior parte vive da agricultura do serviço. Porque sem serviço...”.

Ao realizar a pesquisa aplicando o questionário aos moradores do Quilombo do América foi questionado sobre o entendimento dos moradores a respeito do conceito de quilombo, ao analisar as respostas foi possível perceber que os moradores possuem um entendimento satisfatório a respeito do “*quilombo*” ao dialogar com o conceito apresentados pelos autores, apontando o quilombo enquanto um território constituído por meio de um processo de resistência e ressignificado pelo tempo e pela legislação brasileira, desta forma destaque a fala de uma moradora que afirma a respeito do conceito de quilombo, respondido que:

Roseti. “Graças a Deus nossa comunidade é unida. Se tem alguma coisa para fazer a gente se reúne e vai todo mundo fazer”.

João. “É bem dividido aqui. Eu mesmo não participo, as pessoas daqui, que moram aqui próximo da igreja não participam, é mais o pessoal que mora aí pra cima, tá bem dividido isso aqui, mas a maioria é favorável ao Quilombo”.

Para a moradora o sentido dado ao quilombo se apresenta enquanto uma comunidade, uma união, onde a população se reúne, debate e delibera, em coletivo. Se apresenta enquanto descendentes de cativos, negros, enquanto contribuintes na construção da sociedade brasileira, também apresenta uma visão de pertencimento, sua ligação ao quilombo e ao trabalho agrícola desenvolvido por ele. Uma fala carregada de enunciados. Ao reafirmar a união da comunidade, a moradora remete a ideia, de que mesmo que a maioria população da comunidade, existem pessoas que discordam do fato da comunidade ser intitulada de Quilombo do América. Uma quebra na unidade, um ponto de divergência.

Ao trabalhar essa divergência de quebra da unidade de pertencimento de quilombo entre os moradores, é possível perceber que existe uma intencionalidade que não está dita no discurso, pois deve-se estar “sensível àquilo que não é dito – aos silêncios” (GILL, 2015, p.254). Essa dualidade não está contida no texto, mas é possível perceber pela intencionalidade do sujeito, ao reafirmar um contexto. Também é tratado como “na omissão de elementos interdiscursivo pertencentes a memória”. (BAUER; JOVCHELO-



VITCH, 2015, P.98). Ao aplicar a entrevista também identificamos a fala de outros moradores que indicam qual a leituras que eles apresentam sobre o conceito de quilombo, no dizer de

Katia. “Pra mim, quando falava quilombo, na escola que a gente sempre estudava, falava de escravo, que escravo apanham, que escravos era torturado, que escravo trabalhavam sem ser pago”.

Ao analisar o discurso dos moradores do Quilombo do América é possível identificar que o conceito de quilombo sendo apresentado na escola carregado de preconceito, na fala inicial chama atenção para as aulas nas escolas, a formação dos professores, mesmo sabendo da aplicação da Lei 10.639/03 ⁶ que trata sobre a obrigatoriedade do ensino de história da África e da Cultura Afro-Brasileira nas escolas, publicada há cerca de 16 anos, ainda possuem professores que desconhecem a história do povo africano e a importância da cultura afro-brasileira para história do país. Desconhecem a origem do quilombo, apresentando sua história de forma estereotipada.

Katia. “Quando chegou essa história de quilombo, chegou aqui na comunidade, foi um desespero total para muitos, foi um desespero total. Muita discriminação também em cima deles, eles ?a porque agora vocês são escravos?, agora você vai apanhar, vão ser amarrados no tronco, vão trabalhar sem receber, você não vão mais benefício”.

Antônio. “Porque o quilombo eu tenho para mim... no meu momento de pensar... assim... que era um parte de refugiados, penso que essa geração passou faz muito tempo, penso que não existe mais isso, alguns que dizem... que são preconceituosos, por que é do quilombo, não pra mim, não tem preconceito nenhum, todo mundo é do jeito que é. Todo mundo é igual, somos de carne e osso...”.

No discurso dos moradores do Quilombo do América, se apresenta com muita nitidez o preconceito racial, preconceito por ser negro, por ser morador de quilombo. O preconceito contra os negros é fruto do processo de escravidão, onde o sistema político vigente insiste na afirmação da existência de uma democracia racial, conforme afirma o autor, ao dizer que após o fim da escravidão, “o mito da democracia racial e as imagens vigentes de harmonia racial permitiram a substituição de medidas redistributivas em favor dos não-brancos por sanções ideológicas positivas e integração simbólica dos

⁶BRASIL. LEI No 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. <http://twixar.me/t7K1>. Acessado dia 03/07/2019.

racionalmente subordinados” (HASEMBALG, 2005, p.253). Na fala dos moradores se evidencia o racismo e o preconceito presente em nossa sociedade.

Na fala dos moradores é possível perceber que o conceito de quilombo para o Sr. Antônio, ao dizer que quilombo é coisa de “refugiado”, remete a história da chegada do Américo, para Antônio o quilombo está relacionado a escravidão. O conceito de quilombo remete a origem do sistema escravista, uma vez que foram espaços constituídos pela população negra, em fuga dos abusos e violência sofridos pela escravidão. O quilombo é um espaço de luta e de resistência do negro contra a escravidão, neles os cativos buscavam abrigo como forma de resistência, marcada pela violência, repressão, castigo e controle (MOURA, 2014). O Quilombo foi apenas umas das formas de resistência à escravidão, existiram outras formas de enfrentamento direto.

Roseti. “As pessoas que vivem no quilombo são descendentes de escravos, são pessoas negras, que o Brasil, deve muito pra gente, nossos pais nossos avos, foram eles construíram o quilombo, construíram o Brasil, tem uma história muito bonita e é negada. Então pra mim quilombola não é só o negro, são os mais importantes e ainda são porque quem constrói as casas? Quem põe o alimento na mesa? é o caboclo, como a gente fala...”

No discurso da moradora Roseti, ao ser questionada sobre o conceito de quilombo, apresenta uma definição mais atualizada do conceito, por entender que a definição foi atualizada por meio da legislação brasileira ao reconhecer as comunidades tradicionais. Neste caso o Quilombo do América constitui enquanto um espaço sócio geográfico localizado no território amazônico, constituído por um ambiente sócio emergente, características próprias, espaço territorial “habitada por vários povos, constituída por pequenos agricultores, pescadores artesanais, ribeirinhos, quilombolas e povos indígenas, entre outros.” (TEISSERENC; SANT’ANA JÚNIOR; ESTERCI, 2016, p.05). A comunidade quilombola situada na realidade amazônica. Estabelecido dentro de um ambiente social e político.

No contexto das políticas de ação afirmativas no período dos governos progressistas nos inícios do século XXI, se desenvolveram práticas sociais de valorização da população negra que conduzem a autoidentificação, enquanto população remanescentes de quilombos. Iniciado por meio de mobilização popular, com realização da assembleia dos moradores da Comunidade do América, com representante da Fundação Cultural Pal-

mares (FCP), onde a maioria da população definiu pelo autoreconhecimento enquanto remanescentes de quilombo, acontecimento descrito por (MORAIS, 2015, p.07), ocorrido em 2014, no dia 02 de fevereiro de 2015, foi publicado no Diário Oficial da União – DOU⁷ a certificação onde o Estado Brasileiro reconhece a Comunidade do América enquanto remanescentes quilombolas, dando início ao regularização fundiária e a conquista da titulação de sua terra.

A Comunidade Tradicional agora reconhecida enquanto Quilombo, reconhecido pelo Estado Brasileiro, nasce constituído historicamente por uma ancestralidade, de um passado de luta contra escravidão, de resistência de cultura e principalmente por uma visão de identidade de pertencimento, constituída de geração para geração ao longo dos anos, pois, traz consigo, uma história familiar, transmita por meio da oralidade, onde os mais antigos transmitem os seus conhecimento aos mais novos.

Os mais experientes contam aos mais jovens, que a história da comunidade iniciou originariamente a partir da chegada de 03 escravos fugitivos, Brito, Araújo e Fernandes, que constituíram famílias e se estabeleceram. De “acordo com as informações de uma das moradoras, os primeiros habitantes da comunidade eram três cativos escravizados sobreviventes de um naufrágio, ocorrido na praia de Ajuruteua” (RODRIGUES; PEREIRA, 2018, p. 37).

A Comunidade do América possui uma escola municipal, a Escola de Ensino Fundamental Américo Pinheiro de Brito, que atende as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. O nome da escola e o nome da comunidade são referência a um dos primeiros moradores do quilombo. A escola é de pequeno porte, com uma sala, uma cozinha e um banheiro. Na entrada possui três mastros para erguer a bandeira do Brasil, Bandeira do Pará e outra para erguer a bandeira do Município de Bragança. Não possuiu uma biblioteca, não possuiu um espaço para brincadeiras e recreação.

João Pinheiro. No meu tempo, tudo era muito difícil aqui, eu fui criado só com a minha mãe, e tinha que me virar, desde os 13 para dar de comer para minha mãe e sustentar dois irmãos pequenos, mas a vontade era muita, mas não tive oportunidade, fiz o 1º e o 2º, só deu para fazer o nome e ler alguma coisa, pouco.

⁷Diário Oficial da União – Seção I – segunda-feira, 2 de fevereiro de 2015. <http://twixar.me/VwHn>. Acessado dia 03/11/2018.

Uma escola na comunidade é essencial para garantir o acesso à educação para as crianças e adultos, na fala dos moradores é possível identificar o desejo pela educação o sofrimento por não ter acesso a escola. (Confira figura 1).

Figura 1. Escola Municipal Américo Pinheiro de Brito na Comunidade Quilombola do América.



Fonte:imagens do Vídeo Etnográfico, SANTIAGO K. L. - 2018 ⁸

Algumas moradias são de alvenaria, feitas de lajota e cimento, porém ainda existem algumas casas de taipa, também conhecida como “pau a pique”, feitas por meio de uma técnica antiga, que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo e cobertas por barro. Constitui um saber cultural e artesanal desenvolvido ao longo dos anos. Todas as casas possuem água por meio de poços artesianos e energia elétrica. Nas casas de madeira e argila é possível perceber um fogão feito de argila na cozinha, para cozinhar o feijão e fazer comida.

Roseti. “As primeiras casas eram de palhas, as primeiras, vou dizer para o senhor, a gente fazia tamanco, as casas eram tudo de cavaco, muitas casas eram de cavaco, era palha e cavaco, agora mudou... o cavaco é uma madeira, um tipo de madeira, que vai embutindo uma na outra, igual a uma telha e vai traçando, eles tiram da madeira, vira tipo uma telha, o cavaco demorava mais do que palha, dura muito tempo...”

Na descrição do discurso da moradora é possível perceber a memória de como era feito as casas no quilombo, no início a comunidade tinha casas de palha e cavaco, a moradora ainda descreve o que seria o “cavaco”, que segundo a descrição é uma telha que se encaixa traçado uma na outra. Na figura 2 é possível visualizar como são as casas atualmente, no século XXI.

Figura 2. Casas da Comunidade do Quilombo do América



Fonte:Imagens do Ensaio Etnofotográfico de SANTIAGO K. L. – 2018 .⁹

A formação do Quilombo do América na Amazônia bragantina integra um processo de construção identitária e cultural, que se relaciona com os movimentos migratórios e territoriais. A dinâmica cultural diz respeito a “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 08). Essa ideia de pertencer a um espaço ou local está relacionada com a concepção de “culturas étnico-raciais” (COELHO, 2014) que relaciona as questões étnico-raciais presentes em nossa sociedade, principalmente nas comunidades tradicionais.

Antônio. “Eu me considero negro, cabloco, moreno. Essas coisas”.

Severino. “O pessoal me chama preto né. Sou preto mesmo, não tem mal nenhum ser negro. Ser quilombola”.

Francinalva. “Eu me identifico como... Antes, quando a gente nasce, o pessoal fala que a gente é pardo ou branco, mas ninguém é peixe. Quando cheguei aqui virei preta. Sou preta agora e tenho orgulho de ser”.

Justimiana. “O pessoal fala que a gente é escuro né, chamam a gente de caboclo né de negro”.

A questão identitária também está presente nas falas dos moradores ao se referir ao nome. O nome e o sobrenome dos entrevistados dizem muito da realidade da comunidade, o grau de parentesco e a ancestralidade descrita nas falas dos moradores. As famílias Pinheiro e Araújo se destacam pelo grande número familiares, conforme



descreve os discursos. O nome próprio, e mais genericamente toda a nomenclatura do indivíduo ou de um conjunto de indivíduos é uma forma de controle social, conforme afirma Candau (2018, p.67), “essa forma de controle não objetiva reduzir essa realidade, mas, em certos casos, restaurá-la”. Enquanto uma inscrição social do sujeito.

O pertencer à terra, a auto identificação enquanto negro, nos discursos dos moradores demonstra a construção identitária da população descendente quilombola no Quilombo do América, traço identitário de pertencimento, que por sua vez, colabora com o desenvolvimento de uma cultura popular, produzida nas comunidades tradicionais, neste caso o Quilombo do América, que se constitui pelos ritmos musicais, culinária, o uso de vestimentas, a forma de manuseio da agricultura em constantes modificações, onde estão carregando “elementos do novo e do velho” (HALL, 2003, p. 254), Essa relação das práticas culturais entre o novo e o velho, em choque a todo momento, contribuem para produzir um elemento cultural novo.

Roseti “...aí do lado da igreja tinha um barracão, onde era de festa e de escola. Uma igreja católica, não tem igreja evangélica, tem uma lá no fundo, mas quase pertence a outra comunidade, mas eles vieram aqui para fazer uma Assembleia de deus, só que eles não comunicaram ninguém, tinha um campo onde as mulheres jogavam bola e faziam um batuque. Ai eles vieram e cercaram o terreno, pensando eles que se é terra da união é terra de todo mundo e que eles podem chegar e construir, os moradores se reuniram e botaram abaixo, ele vieram trouxeram um monte pastores para desmacumbar o terreno, porque o terreno estava emacumbado, ai feriram a nossa religião, a nossa cultura que a gente tem, é cultura diferente das deles, eles dizer que a gente não presta, eles são os santos, nós não aceitamos, se eles vissem conversar, porque aqui o que a gente respeita são os mais velhos, não pode entrar aqui sem autorização dos mais velhos”.

Nos discursos dos moradores é possível perceber os aspectos culturais e religiosos, presentes na fala que identifica o salão para festas, a igreja católica, o motivo de não possuir uma igreja evangélica, a cultura e a religiosidade afro-brasileira estão presentes nos discursos dos moradores, como o batuque. “A herança católica, em particular dos colonizadores portugueses e brasileiros e de seus descendentes afro-lusitanos, passou por um processo extenso de africanização” (HEYWOOD, 2018, p.109). Presente na realidade do Quilombo do América.

A relação da cultura com o trabalho possui uma relação intrínseca conforme descreve uma leitura marxista da cultura, considerando a existência de uma base determi-

nante, de uma superestrutura dominante e por outro lado, apontando que o “ser social determina a consciência”, não que as duas leituras se neguem ou entre em contradição, porém a leitura conceitual da superestrutura se impõe enquanto uma visão de força dominante. (WILLIAMS, 2011, p.46). Entendendo que a superestrutura enquanto detentora das forças de produtivas tentam impor a sua hegemonia¹⁰.

No Quilombo do América assim como em outras sociedades e comunidades coexistem a cultura dominante em conflito com a cultura emergente, em choque, em conflito e coexistindo, a cultura dominante, parte sé considerada residual, residuais por que algumas experiências, significados e valores não podem ser verificados, porém todavia são vividos e praticados como resíduos. “Há exemplos reais disso em determinados valores religiosos, em contraste com a incorporação bastante evidente da maioria desses significados e valores dominantes” (WILLIAMS, 2011, p.56). O emergente é o novo querendo surgir, novas práticas, novos sentidos e experiências.

Antônio. “Tem um roçado de mandioca, é porque eles não estão trabalhando hj, teve uma festa praí, eles estão pra lá. Tinha que levar você lá, pra você ver, a cantoria, é tão bacana, você vai achar tão bonito, 12 pessoas no rabo da inchada cortando terra, que dá vontade do senhor chegar lá e avançar pra dentro, todo mundo, bebe aquela pinga, sim, pra dar um alerta no corpo. Mas é tão bonito e divertido”.

Nas falas dos moradores é possível perceber as práticas culturais relacionadas aos trabalhos, um roçado de mandioca, nos relatos percebemos a emoção e a felicidade estampada ao relação como é o processo de colheita da mandioca. Um verdadeiro ritual desenvolvido pelos moradores com a utilização da bebida para “alegrar o corpo”.

As práticas culturais e tradicionais, o emergente que se contrapõe ao residual também está presente no trabalho artesanal desenvolvido no Quilombo do América, técnicas de cultivo e produção transmitido de geração em geração, passando de pai para filho. Ao produzir um vídeo etnográfico sobre a produção de farinha. Conforme visualizamos na figura 3.

Ao pesquisar sobre a produção de farinha no quilombo foi possível perceber a presença de toda a família quilombola trabalhando na produção, onde os mais jovens,

¹⁰O autor trabalha com o conceito de hegemonia de Gramsci que supõe “a existência de algo verdadeiramente total, não apenas secundário ou superestrutural, como no sentido fraco de ideologia” (WILLIAMS, 2011, p 51).

ao redor da casa de farinha aprendendo as práticas do cultivo, manejo e beneficiamento da mandioca. Outras práticas desenvolvidas são o cultivo da macaxeira, da mandioca e da produção de farinha, dentro de um contexto social produzido pelos moradores do quilombo, ainda que de forma rustica inseridas (SANTIAGO; SMITH JÚNIOR; SOUZA, 2018), conforme apresentado na figura 4.

Figura 3. – Roçado de Mandioca do Quilombo do América



Fonte: Pesquisa 2019. SANTIAGO K. L.

Figura 4. –? Roçado de Mandioca do Quilombo do América.



Fonte: Pesquisa 2019. SANTIAGO K. L.

Assim, a cultura desenvolvida pela população do Quilombo do América perpassa o manuseio da terra e da agricultura como trabalho para garantir a subsistência, um trabalho coletivo essencial na produção de farinha. Esses povos são produtores tradicionais, cujas características de ?formação histórica pela condição que ocupam na estrutura social e os trezentos anos de existência, permitem caracterizá-los como o “campesinato histórico? da Amazônia” (LIMA; POZZOBON, 2005, p. 60).

Os estudos apontam também, para a formação da uma identidade cultural presente em suas manifestações religiosas, em suas vestimentas, na sua alimentação e

educação, desenvolvidas no espaço do Quilombo. A identidade pela de matriz africana na constituição e formação da identidade afro-brasileira está presente nos Quilombos, identificadas nas publicações e bibliografias consultadas. Essa experiência e vivência na comunidade, na utilização dos recursos presentes na natureza, garantem a sobrevivência de muitas famílias, em destaque para a família de Dona Ana Maria, que narrou a forma como trabalham o cultivo da mandioca e fabricação da farinha.

Os moradores da Comunidade do América vivenciam experiências culturais, trabalho educativo na utilização de recursos da natureza, que garantem a eles modo de subsistência, uma vez que a forma de trabalho útil no cultivo da mandioca e fabricação da farinha. É possível identificar os elementos culturais, a presença histórica dos negros escravizados nas memórias dos moradores que contribuem para a construção da identidade de pertencimento, sobretudo, para se compreender que a formação do quilombo do América se entrelaça com a migração negra entrelaçada pela migração forçada pelo tráfico de escravos via Atlântico e a migração interna na presença do negro nos documentos da Amazônia bragantina.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo analisar as narrativas do moradores, identificando os aspectos identitários e culturais do Quilombo do América, situado na Região Nordeste do Estado do Pará, na Amazônia Bragantina, na cidade de Bragança.

Ao analisar as narrativas identificadas a partir da aplicação de um questionário semiestruturado, sem seguida transcrito e depois analisado dialogando com autores que trabalham a temática, narrativas, identidade, cultura e também o conceito de quilombo, ressignificado nos tempos atuais a partir da Constituição de 88. Desta forma foi possível identificar algumas características identitárias e culturais da população remanescente de quilombo.

Um visão de pertencimento a terra de quilombo, apontado enquanto o seu local de moradia e sustento. Nas narrativas dos moradores é possível perceber orgulho ao morar no quilombo, sem deixar de apontar os problemas e as dificuldades existente em seu local de moradia. Em suas memórias remonta como foi a história que constituiu o



quilombo, a chegada de um dos primeiros moradores o senhor Américo Pinheiro, que conforme relatos foi um escravo fugitivo do Maranhão, por meio de uma embarcação, encalhada na praia de Ajuruteua em Bragança.

Nas narrativas dos moradores foi possível perceber aspectos de trabalhos desenvolvidos por meio de um saber tradicional, transmitido de pai para filho, no plantio da mandioca no roçado, na produção da farinha na casa de farinha. São aspectos culturais no plantio e no manuseio da mandioca. Também foi possível perceber a religiosidade ao narrar sobre a igreja católica e a tentativa de inserção da igreja evangélica.

Desta forma é possível entender que os objetivos da pesquisa foram alcançados ao identificar e apresentar os aspectos culturais e identitários da população. Também foi possível estabelecer um diálogo entre os dados coletados e a bibliografia especializada, indicando diversidade na temática, aplicabilidade de conceitos, ao tratar de uma temática interdisciplinar, que perpassa várias áreas do conhecimento.

Portanto, se faz necessário se aprofundar nos estudos sobre a temática propostas, pois ainda possuímos dados iniciais, dado a amplitude da abordagem em questão. Tratar sobre cultura e identidade em comunidades tradicionais como o quilombo, requer um pouco mais de maturação teórica.

Referências

BAUER, Martin W. JOVCHELOVITCH, Sandra. **Análise do Discurso. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático** / Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho Guareschi. ? 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BARTHES, Roland. **Análise Estrutural da Narrativa** / Roland Barthes [et. al.].../Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto ; Introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 7 . ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENJAMIN, W. **O Narrador**. In: BENJAMIN, W. Textos escolhidos. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasil Cultural, 1980 (Col, Os Pensadores).

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade** / Joël Candau: Tradução: Maria Letícia Ferreira. ? 1. Ed., 4 reimpressão ? São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. **A Lei nº 10.639/2003: Pesquisas e Debates** / Wilma de Nazaré Baía Coelho...[et al.] (Organizadores). - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014. - (Coleção Formação de Professores & relações étnico-raciais).

GILL, Rosalind. **Análise do Discurso. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático** / Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho



Guareschi. ? 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... letall.– Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 4M p. (Humanitas).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASEMBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil** / Carlos Hasenbalg; traduzido por Patrick Burglin; prefácio de Fernando Henrique Cardoso. - 2. ed. - Belém Horizonte: Editora UEMG : Rio De Janeiro: IUPERJ. 2005.

HEYWOOD. Linda M. **Diáspora Negra no Brasil** / Linda M. Heywood (organizadora); [tradução Ingrid de Castro Vompeam Fregonez, Thaís Cristina Cason, Vera Lúcia Benedito]. ? 2. Ed., 3ª reimpressão. ? São Paulo: Contexto, 2018.

LIMA, Deborah. POZZOBON, Jorge. “**Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social**”. Estudos avançados 53 ? Dossiê Amazônia brasileira I. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados/ USP, jan-abril. 2005, p. 45-76.

MORAIS, Elizabeth Conde de. **A Identidade Africana presente na Comunidade Quilombola do América**. 2015. 12 f. Monografia Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola. Universidade Federal do Pará ? Belém/PA.

MOURA, Clovis. **Rebeliões da Senzala**. 5ª Edição. Editora Anita Garibaldi. Fundação Maurício Grabois. São Paulo-SP, 2014.

PORTELLI. Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997.

TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino. SANT?ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de. ESTERCI, Neide. Ações locais e dinâmicas socioterritoriais emergentes na Amazônia e no Brasil. **Territórios, Mobilizações e conservação socioambiental** / Maria José da Silva Aquino Teisserenc, Horácio Antunes de Sant?Ana Júnior, Neide Esterci, Organizadores.– São Luís: EDUFMA, 2016.

RODRIGUÊS. Márcia Taynã do Rosário; PEREIRA. Silvana Ribeiro. **Ser ou não ser Quilombola, Eis a Questão**: Um Estudo sobre ideologia na comunidade Quilombola América - Bragança - Pará - Com base na análise do discurso. 2018. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Letras ? Universidade Federal do Pará ? UFPA - Campus de Bragança.

SANTIAGO. K. L.; SMITH JUNIOR. F. P.; SOUZA. A. P. V. e. **Infância Amazônica no Contexto da Produção de Farinha no Quilombo do América**. Nova Revista Amazônica - Ano VI ? Volume 1 ? abril. 2018- ISSN: 2318-1346.

WILLIAMS, Raymond, 1921-1988. **Cultura e Materialismo** / Raymond Willians; tradução André Glaser. ? São Paulo: Editora Unesp, 2011. 420p.